



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES/CELA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

ANA CÁSSIA PULLIG DOS SANTOS

**ENTRE MÃOS E PALAVRAS:
A JORNADA DE UMA ESTUDANTE SURDA**

**RIO BRANCO
2026**

ANA CÁSSIA PULLIG DOS SANTOS

**ENTRE MÃOS E PALAVRAS:
A JORNADA DE UMA ESTUDANTE SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II como componente curricular do curso de Licenciatura em Letras-Libras, Universidade Federal do Acre (UFAC).

Orientadora: Profa. Ivanete F. Cerqueira

RIO BRANCO
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S237e Santos, Ana Cássia Pullig dos, 2002 -
Entre mãos e palavras: a jornada de uma estudante surda / Ana Cássia Pullig dos Santos; Orientadora: Dr^a. Ivanete de Freitas Cerqueira. - 2026.
31 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Licenciatura em Letras Libras, Rio Branco, 2026.

Inclui referências bibliográficas.

1. Surdez. 2. Libras. 3. Aprendizados. I. Lima, Raquel da Silva. II. Cerqueira, Ivanete de Freitas (Orientador). III. Título.

CDD: 419

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882

ANA CÁSSIA PULLIG DOS SANTOS

ENTRE MÃOS E PALAVRAS:
A JORNADA DE UMA ESTUDANTE SURDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras Libras.

Rio Branco, 19 de março de 2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivanete Freitas Cerqueira
Orientadora - Universidade Federal do Acre

Profa. Dra. Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira
Banca Examinadora - Universidade Federal do Acre

Prof. Dr. Israel Bissat Amim
Banca Examinadora - Universidade Federal do Acre

RIO BRANCO
2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, porque me deu força para conseguir chegar até aqui.

Quero agradecer especialmente à minha mãe, que me ajudou em todas as fases da minha vida, na saúde, na educação e na minha formação e sempre acreditou que eu ia conseguir.

À minha orientadora, Profa. Ivanete Cerqueira, pela paciência em toda a construção do meu trabalho acadêmico.

Quero agradecer ao Prof. Alexandre Melo que me apoiava, me ajudava muito na UFAC e me aconselhava. Quero agradecer à Profa. Ianelle Vital que também me ajudava a entender as aulas dela. Quero agradecer a todos os professores que fizeram tudo na minha vida.

Não posso esquecer de agradecer minha colega e monitora Luma Carvalho, que não desistiu de mim, e também a todos os intérpretes de todos os períodos do meu curso.

[...] não demorou a perceber que existia uma diferença entre a sinalização que ocorria quando um surdo se comunicava com outro e a usava [a língua de sinais] como acompanhamento de palavras em inglês, durante suas aulas. A partir daí, ele começou a observar cuidadosamente a sinalização usada pelos surdos e demonstrou que aquela sinalização era uma língua autônoma, que seguia uma gramática própria.

Shirley Vilhalva

RESUMO

“Entre mãos e palavras: a jornada de uma estudante surda” é a autobiografia que retrata a trajetória de vida da discente Ana Cássia Pullig dos Santos. Seu objetivo é compartilhar um pouco da infância, da vida escolar e acadêmica da discente de licenciatura em Letras-Libras, ancorando-se basicamente nas autoras Shirley Vilhalva (2004), Karin Strobel (2016) e Gladis Perlin (1998) – todas pesquisadoras surdas. Inicialmente a discente rememorou, com o auxílio de sua mãe, fatos de seu nascimento e sua infância e aos poucos foi digitando. A orientadora deu o direcionamento, e a monitora e intérpretes estimularam e instigaram a estudante a permanecer firme no seu propósito, sempre cobrando a escrita e esclarecendo dúvidas. O ponto mais alto do relato traduz-se no aprendizado da Libras e no reconhecimento da comunidade surda, questões que permeiam toda a vida da discente Ana Cássia.

Palavras-chaves: Surdez. Libras. Aprendizados.

ABSTRACT

"Between Hands and Words: The Journey of a Deaf Student" is an autobiography that portrays the life trajectory of student Ana Cássia Pullig dos Santos. Its objective is to share aspects of her childhood, school life, and academic journey as a student pursuing a degree in Letters-Libras (Brazilian Sign Language), drawing primarily on the works of authors Shirley Vilhalva (2004), Karin Strobel (2016), and Gladis Perlin (1998) – all deaf researchers. Initially, with the help of her mother, the student recalled events from her birth and childhood, gradually typing her work. Her advisor provided guidance, and the teaching assistant and interpreters encouraged and motivated her to remain steadfast in her purpose, always demanding her writing and clarifying doubts. The high point of the account is the learning of Libras and the recognition of the deaf community, issues that permeate Ana Cássia's entire life.

Keywords: Deafness. Libras. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Fachada da Casa do Coração, casa de apoio em São Paulo	14
Imagem 2: Capa de relatório da ACTC ano 2007	15
Imagem 3: Atividade de culinária na ACTC	16
Imagem 4: O primeiro sinal que aprendi no CEES “eu te amo”	17
Imagem 5: Sala de AEE Escola Maria Lúcia Moura Marin/2008	19
Imagem 6: Passeio com alunos da Escola Maria Lúcia – Palácio da Justiça ...	20
Imagem 7: Intérprete Adriana e professora da sala de aula (4º ano)	21
Imagem 8: Entrada na UFAC, no curso Letras-Libras	23
Imagem 9: Figura 8 - Gigi e eu durante brincadeiras na ACTC Foto: acervo pessoal	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA – UM TRABALHO E ALGUMAS MÃOS	12
3 RELATO	14
3.1 MINHA INFÂNCIA	14
3.2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E ACADÊMICA	17
3.3 MEUS APRENDIZADOS.....	19
3.4 MEU TEMPO NO IFAC	22
3.5 O CURSO LETRAS-LIBRAS NA UFAC	23
3.6 O TRABALHO DE MEIO-PERÍODO	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

1 INTRODUÇÃO

“Entre mãos e palavras: a jornada de uma estudante surda” é o relato da discente Ana Cássia Pullig dos Santos. Ela tem 23 anos, mora em Rio Branco – Acre e está concluindo o curso de Licenciatura em Letras Libras. Ana Cássia é filha de pais ouvintes, tem um irmão e é a única surda da família.

Desde seu nascimento, a menina de comportamento agitado e hiperativo teve muitos problemas de saúde, por isso, na infância, o Instituto do Coração (INCOR) e a Associação das Crianças Cardíacas e Transplantadas do Coração (ACTC) foram praticamente sua casa.

Sua surdez foi descoberta por volta dos três anos. Aos poucos foi aprendendo o Português e a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Nessa sua trajetória, muitas coisas aconteceram. Ana Cássia precisou, desde cedo, lidar com a dificuldade de comunicação e outros desafios, mas está resistindo.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é compartilhar um pouco da infância, da vida escolar e acadêmica dessa discente surda e oralizada, ancorando-se basicamente em autoras, Shirley Vilhalva (2004), Karin Strobel (2016) e Gladis Perlin (1998) – todas pesquisadoras surdas.

Para construir este relato, Ana Cássia contou com sua mãe, que inicialmente a ajudou a rememorar alguns fatos de sua infância e, aos poucos, acompanhou sua escrita. Durante este processo, a orientadora deu o direcionamento, assinalando os tópicos que deviam constar no relato. A discente teve ajuda também da monitora, a qual estimulou e instigou a estudante a permanecer firme no seu propósito, sempre cobrando a escrita e esclarecendo dúvidas.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: começa com esta introdução escrita pela orientadora, e segue com a metodologia, onde todas as mãos envolvidas fazem um relato de como ocorreu o processo. Depois, vem o relato da Ana Cássia e, ao final, as considerações finais.

2 METODOLOGIA – UM TRABALHO E ALGUMAS MÃOS

O objetivo deste trabalho é compartilhar um pouco da infância, da vida escolar e acadêmica dessa discente surda e oralizada, ancorando-se basicamente em autoras, Shirley Vilhalva (2004), Karin Strobel (2016) e Gladis Perlin (1998) – todas pesquisadoras surdas.

Para construir este relato, Ana Cássia contou com sua mãe, que inicialmente a ajudou a rememorar alguns fatos de sua infância e, aos poucos, acompanhou sua escrita. Durante este processo, a orientadora deu o direcionamento, assinalando os tópicos que deviam constar no relato. A discente teve ajuda também da monitora, a qual estimulou e instigou a estudante a permanecer firme no seu propósito, sempre cobrando a escrita e esclarecendo dúvidas.

Nesta perspectiva, incluímos nesta seção, o relato da monitora sobre como tem sido o acompanhamento da discente Ana Cássia.

2.1 RELATO DA MONITORA

Quando iniciamos o primeiro período do curso de Letras Libras, em 2022, tive meu primeiro contato com Ana Cássia, uma aluna surda. Então pensei: que privilégio ter alguém que possa compartilhar sua história e suas lutas.

Conforme fomos aprendendo Libras e conhecendo sua trajetória de construção, percebi o quanto isso refletia nela também, o quanto havia sido difícil chegar até aquele momento. Perguntas surgiam constantemente em minha mente: “Como teria sido seu processo de alfabetização e aprendizagem?”

No semestre seguinte, inscrevi-me no processo seletivo do NAI (Núcleo de Apoio à Inclusão) para ser sua monitora. Fui aprovada e iniciamos uma caminhada acadêmica que perdura até hoje. Agora estamos em nosso último período, quase concluindo o curso. Dentro dessa convivência, pude acompanhar de perto seu desenvolvimento na Libras e, com ela aprendi a me comunicar: sabia pouquíssimos sinais, foi desafiador, mas ela me ensinou. Muitos dos sinais que sei hoje aprendi com Ana. No início, eu a auxiliei, mas também fui ajudada por “minha aluna”.

Acompanhei sua insegurança em não compreender os conteúdos das aulas, o medo da rejeição dos colegas, as dificuldades com a escrita e as incertezas diárias de achar que não conseguiria. No entanto, pude ver, bem de perto, sua evolução como graduanda: vi Ana assumir responsabilidades, interessar-se pela história do povo surdo e compreender que existe uma luta constante dentro da comunidade surda. Possivelmente, a convivência com professores e colegas surdos a inspirou em sua trajetória e a motivou a traçar sua própria história.

Não foi uma construção fácil para Ana. Tomar decisões que definiriam seus dias como futura profissional, mulher, professora, surda, muitas vezes parecia demais para ela. Houve momentos em que quis desistir, mas no dia seguinte, como em uma “dose de coragem”, retomava a caminhada.

Um dos seus maiores desafios, sem dúvida, foi a escrita do TCC. Esse processo foi exigente, pois toda sua história de vida, evolução pessoal e acadêmica precisava ser contada de forma detalhada. Falar de si mesma não é simples, e a escrita, mesmo para um surdo alfabetizado e letrado, é difícil e complexa. Ana levou tempo para se acostumar com a escrita, descobrir palavras e aprender a aplicar regras gramaticais.

Hoje, ela mostrou que é capaz e que tudo se torna possível quando somos desafiados ao novo e ao desconhecido, mesmo em situações desconfortáveis. Vi Ana não desistir, mesmo quando passava quatro horas sem conseguir escrever um parágrafo inteiro ou uma manhã diante do computador sem saber por onde começar. Ela não deixou de tentar. Todos os dias persistiu, não porque sabia exatamente como iniciar, mas porque precisava, por si mesma, vencer essa etapa.

Concluo dizendo que cada parte da nossa história só pode ser contada por nós mesmos. O narrador de nossa vida somos nós. Ao alcançar mais essa etapa, vejo Ana Cássia tornar-se merecedora de suas conquistas: alguém que ainda tem muito a aprender, mas que também está preparada para ensinar.

3 RELATO

3.1 MINHA INFÂNCIA

Meu nome é Ana Cássia Pullig dos Santos, tenho 23 anos e moro em Rio Branco – Acre. Sou filha de pais ouvintes e sou única surda da família. Tive muitos problemas quando nasci. Tive malformação, coração, surdez, palato fundo, escoliose, visão, assimetria facial, anomia, mas meu exame genético (cariótipo) não apareceu nenhuma síndrome.

Não tenho muitas lembranças da minha infância pessoa surda. Não percebia que era surda porque minha casa todos falavam comigo em português e eu entendia. Eu não andava até 2 anos e 7 meses, só ficava no colo, então ninguém percebia que eu não ouvia, porque respondia e entendia.

Eu viajava muito para São Paulo, onde fazia tratamento do coração. Fiz duas cirurgias no Instituto do Coração (Incor). Fiquei no hospital muito tempo e também na casa de apoio ACTC (Associação das Crianças Cardíacas e Transplantadas do Coração), a Casa do Coração (foto abaixo).

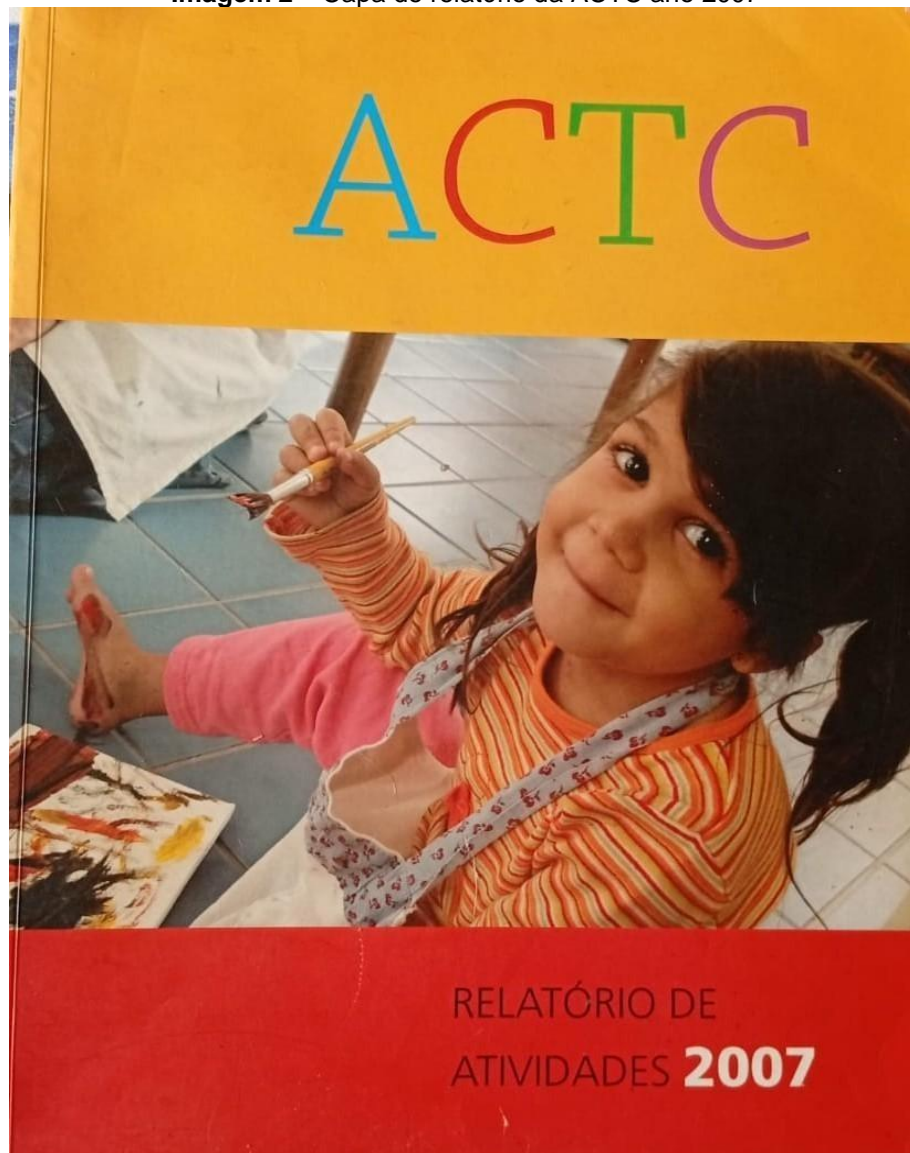


Fonte: Acervo pessoal

Lá eu convivia com crianças do Brasil todo, e muitas tinham problema do coração, outras com Down, outras surdas. Na ACTC tinha sala de aula, porque muitas crianças e adolescentes ficavam muito tempo em São Paulo no tratamento

do coração, cirurgias, transplantes.

Imagem 2 – Capa de relatório da ACTC ano 2007



Fonte: Acervo pessoal

Fiquei muito tempo também, dois meses, quatro meses, um mês, perdia aula e por isso comecei a estudar de verdade mais tarde que outras crianças. Aprendi Libras mais tarde também e escrever e ler. Na casa de apoio contato meu era com crianças e adultos ouvintes e na escolinha aprendi a conviver, a dividir, pintar, recortar papel, coisas mais simples de crianças.

Imagem 3 – Atividade de culinária na ACTC



Fonte: Acervo pessoal

A casa tinha pedagogas que preparam muitas atividades e brincadeiras, desenhos, pinturas, gostava muito de ler as histórias da Turma da Mônica. Voluntários levavam as crianças a fazer passeios em teatro, parques, cinemas, museus e também participava de aulas de culinária, de brincar na brinquedoteca.

Minha mãe descobriu que eu era surda profunda, nos dois ouvidos (bilateral) e grave, porque não ouvia os sons das vozes das pessoas, só som alto, como por exemplo, buzina de carro, batida de porta, cachorro latindo, avião passando, crianças gritando, música muito alta. E quando ia para São Paulo no tratamento do coração, fiz o exame Bera e audiometria com três anos. Bera, da sigla em inglês *Brainstem Evoked Response Audiometry*, ou Peate, é um teste objetivo, indolor e não invasivo usado para avaliar a audição e o funcionamento do nervo auditivo até o tronco encefálico. Também fiz audiometria, que é um exame feito pelo fonoaudiólogo para avaliar minha capacidade de ouvir.

Meu comportamento era agitado, hiperativo e tinha suspeita de microcefalia, que ocorre quando há uma malformação congênita causada por inúmeros fatores

como síndromes e outras doenças como rubéola, toxoplasmose ou Zika. Fui crescendo mais e exames mostraram que eu não tinha essa doença. Sendo surda profunda, eu não ouvia os sons e não entendia.

A professora surda Shirley Vilhalva no livro *Despertar do silêncio* (2004, p. 20) conta que ela “não entendia os irmãos, não se comunicava com eles e que pensava que eles evitavam ela”. Li o texto dela percebi que eu também tenho dificuldade me comunicar com meu irmão, nós não entendemos um ao outro, porque ele é autista e eu sou surda. Eu não entendo o que ele fala comigo e ele também não entende o que eu falo. Pude compreender isso ao ler o relato da professora Shirley e entender as diferenças entre pessoas deficientes, pessoas surdas e ouvintes. Na verdade, eu pensava que ele meu irmão me ignorava.

3.2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E ACADÊMICA

Minha primeira escola foi o Centro Estadual de Educação de Surdos (CEES), Lá também comecei a escrever as primeiras letras e palavras. Fui aprendendo a escrever português e também a Libras. Minha mãe era professora de português e ela foi me ensinando e me corrigia quando escrevia errado, mas aquele lugar não era para mim, só tinha crianças maiores e crianças surdas e autistas. Na minha sala de aula tinha nove crianças e muitas eram muito agitadas, com outros transtornos, não só surdez.

Imagem 4 – O primeiro sinal que aprendi no CEES “eu te amo”



Fonte: Acervo pessoal

Não me lembro muito bem, porque era pequena, tinha cinco ou seis anos. Minha mãe me contou que tive acidente na escola e um colega me empurrou e bati na cabeça forte. Fui parar no hospital e, por causa dessa situação, mudei de escola. Minha mãe procurou e achou a Escola Maria Lúcia, no conjunto Tropical, perto de casa, mas o diretor não quis fazer matrícula porque era abril, disse que não tinha vaga, que a escola não estava preparada, não tinha intérprete, nem outros alunos surdos.

Minha mãe procurou a Secretaria de Educação de Rio Branco e conseguiu minha vaga. Lá havia AEE e aprendi muitas coisas na sala de aula e fui aprendendo. Achava muito legal estar na escola, porque tinha muitas coisas na sala de AEE, brinquedos, pintura. A minha primeira professora de AEE foi a Jackeline e ela foi me ensinando primeiros sinais mais diferentes. Na sala de aula, percebi que era surda quando a professora chamava outros alunos, eles respondiam e eu não ouvia nada quando chamava meu nome.

Fiz amigos e fui bem aceita lá, me trataram bem. Fui a primeira surda da escola, que fez adaptação para mim com cartazes em Libras nas portas das salas, nos corredores, na cantina, ensinando meus colegas e as professoras a se comunicarem comigo. Minhas intérpretes eram Jackeline, Adriana, Val, Raimunda.

Fiquei nessa escola todo o ensino fundamental até 5º ano.

Me lembro que uma vez na escola tinha um colega que me chamava para brincar e eu não entendia o que ele dizia e ele sinalizou brincar e eu entendi. Eu não sabia que eu era surda, não entendia tudo o que acontecia. Tinha muita dificuldade para me comunicar com as pessoas, não sabia me comunicar em Libras e só sabia falar português. Eu já percebia que eu era diferente das outras crianças, quando uma pessoa falava comigo e eu não entendia o que as pessoas falavam.

Imagem 5 – Sala de AEE Escola Maria Lúcia Moura Marin/2008



Fonte: Acervo pessoal

3.3 MEUS APRENDIZADOS

Em ano 2011 que eu estava 3º ano e as intérpretes sempre me ajudavam na sala do AEE, teve atividades, brincadeiras, as atividades que foram desenvolvidas a partir conhecendo os animais vertebrados e invertebrados. Objetivo das atividades era que eu aprendia a conhecer os nomes, sinais e escrita dos nomes dos animais. Onde fazia a escrever e ler da leitura e interpretação de textos e escrita. Aprendia o alfabeto em Libras, conhecendo de letras e palavras, também aprendia diferenciar o

masculino e feminino de cada animal, escrevia o nome de cada animal e sinalizava cada animal, também assistia filme a Arca de Noé.

Imagem 6 – Passeio com alunos da Escola Maria Lúcia – Palácio da Justiça



Fonte: Acervo pessoal

Segundo o relatório das interpretes e professoras do AEE, do 2º e 3º anos, Valdecina Barbosa e Adriana Oliveira, eu “conseguiu desenvolver minha criatividade artística na criação das imagens dos animais e também conseguia ampliar o vocabulário tanto na parte da escrita como também na Libras, desenvolvia meus conhecimentos conceituais sobre importância dos animais e seu papel na natureza”. Também conhecia os sinais de dias da semana e aprendia sinais de cronológicas de tempo, aprendia sobre rotina semanal também aprendi noções de hora e tempo de duração dos dias, meses e anos.

Imagem 7 – Intérprete Adriana e professora da sala de aula (4º ano)



Fonte: Acervo pessoal

As intérpretes e professoras da sala de AEE da Escola Maria Lúcia viram que eu não aprendia quase nada matemática e trabalham comigo o Material Dourado e não foi difícil aprender matemática, mas ajudou um pouco. As professoras regentes da sala não sabiam se comunicar comigo e isso atrapalha.

A comunicação com amigos ouvintes, eu tive contato com a Ana Caroline na escola Maria Lúcia e começamos a nos comunicar todos os dias, ela aprendia muitas coisas em Libras para poder se comunicar comigo. Crescemos juntas e tive muito apoio na escola.

Depois comecei na Escola Carlos Casavechia, na minha adolescência, no ensino fundamental II, mas lá eu sofri preconceito das colegas que não queriam conversar comigo e não faziam os trabalhos de escola comigo. Sofri bullying, as colegas me maltratavam, porque era surda, ficavam rindo de mim. Me sentia muito sozinha, mas conheci o Eduardo que me protegia e foi meu primeiro melhor amigo. Ele cuidava muito de mim. Me ajudou a fazer as tarefas de matemática, porque eu tinha muita dificuldade. Eu não sabia muita coisa de Libras e não queria ir para sala de AEE, porque lá não foi bom para eu aprender.

Na metade do ano em julho, minha escola estava em reforma e fui estudar na Theodolina Falcão Macedo ensino fundamental II que era mais perto da minha casa. Eu gostava muito lá, porque era uma escola mais tranquila e na sala de AEE aprendia muitas coisas legais. Fiz passeios fora da escola e tive apoio da minha intérprete Jamaika, que conversava com os professores para eles me ajudarem a entender o conteúdo, principalmente matemática.

3.4 MEU TEMPO NO IFAC

Comecei no Ensino Médio no IFAC, em 2018, curso Informática para Internet. No primeiro dia de aula, fiquei muito medo, com vergonha porque não conhecia ninguém e depois fui conhecendo os meus colegas e aprendia as palavras novas. Meus primeiros intérpretes foram John Lima e Márcia, eles me ajudaram muito na sala de aula. Minha primeira monitora foi Katrynn, que também me ajudava muito.

Aconteceu a pandemia em 2020 e foi muito difícil, porque ficamos um ano dentro de casa sem poder sair. Ficamos muito tempo sem ir para aula presencial. No começo alguns professores não queriam que eu ficasse no curso porque tive muita dificuldade. Disseram que eu não ia conseguir concluir, que era difícil, mas eu tinha direito e eles me deram uma segunda chance. Nós tínhamos aula online. Ficamos um ano e meio em pandemia e não tivemos formatura. Nós nos formamos pelo online em 2020, mas só fiz Enem em novembro de 2021.

Eu me inscrevi no Enem e esperei uns meses para ir fazer a prova no dia que fiquei muito nervosa, ansiosa, não consegui fazer o Enem e tive que esperar um ano para me inscrever de novo. Em 2021, encontrei uma intérprete que me conhecia quando era criança e ela era minha professora na sala do AEE. Fazia muito tempo que eu não via ela. Essa intérprete me ajudou muito a entender o texto do Enem. No

dia da prova, também conheci uma pessoa surda e o nome dela era Luana. Fizemos o Enem no mesmo dia e na mesma sala.

3.5 O CURSO LETRAS-LIBRAS NA UFAC

Em janeiro de 2022, fui ver o resultado e passei em duas opções, Pedagogia e Letras-Libras. Escolhi Letras-Libras para aprender mais e melhorar comunicação com surdos e ouvintes. Comecei no curso de Letras Libras no segundo semestre de 2022 e talvez terminar o curso em 2026.

Imagem 8 - Entrada na UFAC, no curso Letras-Libras



Fonte: Acervo pessoal

Fui à UFAC conhecer o bloco de Letras-Libras antes de começar as aulas. No dia 2 de julho de 2022, no primeiro dia de aula, eu conheci novos colegas,

intérpretes, professores. Conheci um aluno surdo, o Gustavo Brandão que foi meu veterano e também conheci o coordenador Prof. Alexandre Melo.

Depois teve inscrição de monitores e minha colega me escolheu era Apoline Castro. Ela trabalhou como monitora comigo do primeiro período até o segundo período. Ela me ajudou em muitas coisas. Nessa época, eu tirava notas boas porque as disciplinas eram fáceis. Depois do segundo período mudaram os monitores. Minha outra colega me escolheu, foi a Luma Carvalho. Ela teve muita paciência, me ajudou muito. Tive muitas dificuldades com as disciplinas, porque era difíceis.

Eu não entendia nada nas aulas, os professores me perguntavam se eu entendia e eles me ajudavam para eu entender melhor, professores ajudaram a adaptar as atividades os trabalhos, tive muitas dificuldades mas consegui entender o que os professores explicavam, o professor Shelton sempre me perguntava se eu entendia e me ajudava a explicar melhor e também os professores sentava na minha frente para explicar a atividade.

Também eu era muito agitada na Ufac pelo corredor e depois comecei a mudar e agora estou mais calma porque aprendi a se comportar melhor na ufac. Após poucos fui melhorando mas com dificuldades das disciplinas e professores tiveram muita paciência comigo, me ajudaram muito com esse durante quatros anos na universidade e eu consegui chegar até no final penúltimo período, foi muitas lutas, difíceis mas consegui.

Depois, em 2023, meu professor Alexandre me incentivava para fazer DPLE nas férias da UFAC. Ele me ajudava muito, me chamava para ir a eventos, palestras; ele me apoiava, sempre ficava do meu lado. Também minha professora Ivanete Cerqueira me ajudava muito, teve paciência, me apoiava.

Antes eu sentia vontade de desistir na faculdade, porque era muito difícil para mim, muito cansativo, mas fiquei lá, aguentei chegar até no oitavo período. No sétimo período, comecei a escrever o projeto do TCC. Era um tema muito difícil para mim. Eu não conseguia entender. No dia da apresentação do TCC, eu fiquei muito nervosa, porque não consegui estudar, mas fui aprovada, mas agora o tema do TCC passou a ser diferente. Estou tentando melhorar o TCC.

Antes do curso Letras-Libras, não entendia o que era cultura surda, o jeito de se comunicar, os locais onde os surdos se encontram, sinais como gírias que só os surdos conhecem. Segundo Strobel (2008), “a humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento, entre outras manifestações (...) cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência”.

Não entendia nada da comunidade surda, não tinha amigos surdos. Os primeiros surdos que conheci eram adultos, eu não tinha nenhum amigo surdo na minha infância. Conheci primeira surda lá em São Paulo, a Giselly, apelido de Gigi. Nós não nos entendemos, porque na época não sabíamos que éramos surdas, mas nos entendíamos pelos olhares e gestos. Era a única criança que realmente me comunicava na casa de apoio.

Mas quero explicar que comunidade surda é “um grupo social e cultural composto por pessoas surdas e ouvintes. Familiares, intérpretes, amigos que compartilham a libras do Brasil valores, experiências e cultura visual comum” (Strobel, p.35, 2008).

Figura 8 - Gigi e eu durante brincadeiras na ACTC Foto: acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

Eu sou bilíngue, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Uso os dois idiomas, mas eu gosto mais do português do que da Libras. Mas também posso usar a libras para poder me comunicar com os surdos e português para me comunicar com os ouvintes. Eu escrevo português ao contrário, por isso, vou aprendendo a escrever certo. Eu prefiro mais escrever em português, também tenho dificuldade de escrever algumas palavras grandes, também quando estou com amigos surdos, eu sinalizo com português oral e também traduzo em Libras.

Ser bilíngue é um direito dos surdos, porque Ser bilíngue é um direito dos surdos, porque de acesso à educação que dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Ela altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assegurando a oferta da educação bilíngue aos estudantes surdos, desde a educação infantil e ao longo da vida.

A comunicação com a minha família em português e aprendi a oralizar e aprendi a escrever em português antes de libras. Eu gostava muito oralizar o tempo todo quando comecei a ler e a escrever português. Hoje também escrevo em libras, mas eu gosto mais português. Eu entendo um pouco no texto, agora eu escrevo português melhor.

Em ano 2009, ganhei um aparelho novo em São Paulo, de presente da Casa de Apoio, onde eu ficava hospedada quando ia pro tratamento do coração. Eu não gostava muito de usar, me sentia desconfortável de usar aparelho quando era criança e depois de muito tempo sem usar, tive perda auditiva e fui encaminhada pelo TDF tratamento fora de domicílio para clínica Limiar de Rondônia de Porto velho e atendia pelo SUS.

Minha tia trabalhava lá como fonoaudióloga que cuida área da saúde e porque queria ficar mais perto da família da minha mãe, comecei a usar o aparelho auditivo. Ficávamos na casa dos meus tios por tempo em Porto Velho para poder fazer o tratamento. Minha tia, meu tio sempre ajudava muito, fazia tudo por nós, nos deixava ficar na casa dele por muito tempo. Isso me ajudou muito no aprendizado de novas palavras, a ouvir melhor, a falar melhor.

Eu reconheço e me identifico com identidade surda de transição, porque cresci sendo integrantes da comunidade ouvinte. Por exemplo, minha família e amigos, na primeira igreja e na escola. A característica dos surdos de transição é que eles são oralizados até em determinados momento de vida (Perlin, 1998), como eu fui.

Depois de conhecer a comunidade surda e sinalizados por meio da Libras me senti interessada com grupo dos surdos. Permanecem um tempo, mas não deixo o oralismo para trás por completo, eu me comunico com os ouvintes, eu oralizo e escuto um pouco com o uso do aparelho e com os surdos eu sinalizo. Eu acostumei ver séries, filmes ou jornal com legenda, mas a telinha de intérprete eu prefiro não ver. Gosto de legenda, que me chama mais atenção, por exemplo. Isso é um problema para mim quando quero ir ao cinema, porque no único cinema da minha cidade quase não tem filmes legendados, só alguns. Me sinto excluída por isso. Muitas vezes vou com meus amigos e não consigo entender filme dublado.

A legenda é muito importante para o surdo, porque os surdos não entendem o que os personagens falam por isso precisam ter legenda para poder entender e também é importante ter telinha de intérprete.

Senti um pouco disso quando conheci os surdos na Igreja Batista do Bosque (IBB), aprendia muitas coisas na igreja, convivia com eles, fui pro retiro, reencontro, congressos, comecei a melhorar em libras, mas também oralizo. Conheci muitos surdos na IBB e também na Ufac, e eu via os surdos que oralizavam e sinalizavam ao mesmo tempo, e aprendi muitas coisas na Bíblia. Fui para a rede de jovens todo sábado com os surdos e também conheci os intérpretes da IBB.

Em Rio Branco, a IBB (Igreja Batista do Bosque) uma congregação criada em 1960 e que, em 2026, completa 66 anos tem um Ministério de Surdos, tem culto específico para surdos e familiares e amigos, todos os sábados às 17h. Muitos surdos que são professores fazem na faculdade, tem células só para surdos e só para ouvintes, também tem na catedral que é muito grande atrai surdos de todos maiores

Strobel diz no livro *As imagens do outro sobre a cultura surda* (2008, p. 118), que “vê-se que ela foi marcada por muitos estereótipos, seja através da imposição da cultura dominante, ou das representações sociais que narram o povo surdo como seres deficientes”. Um estereótipo que eu percebia que as pessoas chamavam o

surdo de surdo-mudo, e isso me incomodava por causa do preconceito. Nem todos os surdos não são mudos. Eu, por exemplo, oralizo, mas não são todas as pessoas me entendem. Me sentia sozinha quando eu oralizava ninguém me entendia, também não entendo nada em áudios no WhatsApp quando as pessoas me mandam áudio e agora tem novo aplicativo transcritor, que tem legenda do áudio de WhatsApp e eu consigo entender. E é muito difícil quando uma pessoa manda áudio nos grupos e esquece que eu estou no grupo com os ouvintes.

Eu tive muitas dificuldades das disciplinas, eu não conseguia entender nas aulas que tinha disciplina que era muito difícil, mas outras disciplinas fui entendendo aos poucos no primeiro período teve evento do professor Alexandre Melo e ele me convidou para participar, ele sabia que eu gostava muito de participar nos eventos, seminários, palestras, e teve projeção dos livros que ele criava as ideias, me convidou para fazer gravação com outros surdos juntos no mesmo dia, o professor Israel Queiroz me levou junto com Matheus Costa de carro até lá na gravação e também foi deixar a gente na Ufac já era final da tarde, foi muito legal lá e fui conhecendo os alunos surdos acadêmicos e os professores surdos de Letras Libras, comecei a conviver com meu amigo foi Matheus Costa porque ele estava no primeiro período e eu estava no terceiro período e comecei a se comunicar mais com ele todos os dias na Ufac. E depois me convidou para conhecer na Igreja Batista do Bosque e quando cheguei lá e vi tinha muitos surdos, conheci a primeira surda foi a Sandy Ferreira.

Desde que eu comecei a estudar no curso de Letras Libras, aprendi na aula de Língua de brasileira de sinais I do professor Israel Queiroz que teve desenhos para fazer sinais no caderno e gostava muito da aula dele e eu entendia na disciplina dele, também na aula de leitura e escrita em Língua Portuguesa I da professora Ivanete Cerqueira, aprendi muitas coisas na aula e entendia porque os professores me ajudavam a entender melhor das disciplinas, também teve textos com desenhos legal, gostava muito.

Eu achava que no Letras Libras fosse só para surdos mas soube também pode ser juntos com ouvintes, os alunos acadêmicos querem fazer letras libras para poder se comunicar com os surdos e também podem ser futuros intérpretes, quando eu cheguei no Letras-Libras e achava muito legal, conheci muitas pessoas novas, convivia com as pessoas todos os dias na Ufac, convivia com os professores, colegas, os intérpretes.

As disciplinas ensinadas no curso serviram para eu aprender a sinalizar melhor, aprendi na disciplina da escrita e estrutura da Libras e as disciplinas foram: Língua Brasileira de Sinais, Fonética e fonologia, também outras disciplinas que eu aprendi muitas coisas nas aulas.

Eu aprendia com os professores Lucas Vargas, Israel Bissat e o João Renato, eu tive primeiro contato com professores surdos nas aulas, e também participava nos eventos junto com eles, também aprendia a conviver com os colegas acadêmicos o Matheus conheci ele na oficina de Libras antes de ele entrar no Letras Libras, e depois começamos a conviver mais com Matheus e fora da Ufac também, sempre fomos juntos no Restaurante Universitário (RU), eventos, igreja. E depois chegou a Sandy e a Luana começamos a conviver mais no curso de Letras Libras. Eu gostava muito da disciplina Leitura e Escrita em Língua Portuguesa porque essa disciplina foi minha preferida e aprendia muito essa disciplina, também gostava muito outras disciplinas que me chamava atenção e tinha muita interessante.

Fiz Estágio I Intervenção e Prática Pedagógica com professora Nina Rosa, foi muito difícil para mim porque eu não entendia na escola, porque foi pela primeira vez que fiz Estágio I, mas fui melhorando aos poucos e fiz Estágio II com professor Israel Bissat e eu entendia essa disciplina porque ele me explicava e somos dois surdos e eu conseguia entender melhor com ele, eu ensinava aula com alunos para aprender em Libras, também teve atividades em libras e desenhos, fiz estágio com professor Lucas Vargas, professor João Renato e a professora Ianelle Vital.

Os quatros anos foram difíceis e também foram muitas lutas, cansativo, mas eu continuei na Ufac até chegar quatros anos estudando lá, eu aprendi a amar estar na Ufac.

Letras Libras mudou muito na minha vida, gostava muito de aprender, de participar de eventos, oficinas, seminários. O curso foi importante para a minha vida porque me fez crescer como pessoa, como estudante e como uma mulher surda. Comecei a ver no mundo, a pensar, a ter opinião sobre solidariedade, em ajudar as pessoas surdas para que elas também conseguiam estudar, trabalhar, realizar os sonhos. No início eu queria fazer Pedagogia, porque gostava muito de crianças e estou querendo fazer pós-graduação em Pedagogia.

Desde que comecei a aprender Libras, mudou minha vida, quando tive contato com os surdos aprendi sinais que não conhecia, e quando eu vou nos lugares e tento me comunicar com alguém e eles não me entendem, vejo que

precisa ter mais acessibilidade, as pessoas precisam aprender outras línguas como: (ASL, Espanhol, Inglês, Português), para que isso seja possível.

3.6 O TRABALHO DE MEIO-PERÍODO

Em fevereiro de 2025 comecei trabalhar no supermercado como embaladora e também organizando os alimentos nas prateleiras, limpando cestas usadas pelos clientes e já fiquei no caixa passando os produtos, ajudo os caixas quando precisam de trocos, ajudo os clientes e devolvo os produtos que os clientes deixam fora das prateleiras ou desistem de levar. Depois de três meses passei pela primeira avaliação e fui aprovada.

Comecei a trabalhar, porque tinha vaga para Pessoa com Deficiência (PcD) e porque precisava ter dinheiro para poder comprar minhas coisas. No início, tive muitas dificuldades para me comunicar com os clientes. Eles não entendiam o que eu sinalizava. Observei que as pessoas não sabem se comunicar em libras nem nenhuma forma de se comunicar com surdos.

No começo sofria bullying com um colega que ficava rindo de mim por causa da minha Libras. Ele fazia gestos, mímica quando eu encontrava meus amigos surdos. Ele não me entendia como colaboradora surda e meus colegas também não conseguiam se comunicar comigo, mas eu comecei a ensinar libras para eles e quando o cliente quer falar comigo e chamo meu colega que sabe um pouco libras.

Antes eu pensava em desistir do trabalho, mas precisava de dinheiro e também fiquei lá trabalhando com toda paciência, tentando me comunicar com as pessoas. Aos poucos tudo começou a mudar quando meus colegas viam os clientes surdos, mas não conseguem se comunicar com eles e me chamam para eu poder interpretar para clientes surdos. Eu percebia um pouco de preconceito comigo, porque ninguém me entendia, me sentia muito sozinha, me sentia desconfortável, antes eu pensava em desistir do trabalho, mas precisava do dinheiro e também fiquei lá trabalhando com toda paciência, tentando me comunicar com as pessoas ouvintes.

Fiz um ano em fevereiro, lutando até chegar aqui e meus colegas começaram a aprender em libras básico (Oi, bom dia, boa tarde, boa noite, tudo

bem, com licença, por favor). Todos os dias eu ensino libras para eles e eles aprendem até conseguir se comunicar com clientes surdos. Antes eu fazia vários bilhetinhos para me comunicar com os meus colegas, os fiscais, os chefes (por favor, banheiro, água, intervalo, com licença). Agora eles conseguem me entender, porque aprenderam libras um pouco.

O supermercado me fez crescer como pessoa adulta. Antes eu ficava irritada quando as pessoas me mandavam áudios no whatApp e eu não entendia nada. Descobri que atualizaram o tradutor que aparece legenda digital do áudio e agora eu consigo entender em áudio com legenda, mas nos grupos (Faculdade, Trabalho, vizinhos, Igreja). Eu vejo que alguns grupos têm surdos e fico pensando o que eles sentem quando mandam áudio, mas eles não conseguem como colocar legenda do áudio e eu consigo.

Já estou um ano trabalhando. Eu entrei nesse trabalho e eu precisava de dinheiro,
Foi difícil fazer a faculdade e trabalhar. No meu trabalho ajudei a diminuir um pouco o preconceito com pessoas surdas.

Eu estou pensando em fazer mestrado depois de terminar o curso de Letras Libras, queria fazer mestrado de pedagogia, porque é muito importante ensinar libras para as crianças surdas, também quero ensinar libras para bebês ouvintes para se comunicar com os pais surdos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar no curso de Letras-Libras, percebi a relevância dessa escolha para minha trajetória pessoal e acadêmica. A aprovação na Universidade Federal do Acre representou uma conquista significativa, que me trouxe grande satisfação e abriu espaço para novas experiências. Passei a conviver com surdos, ouvintes, intérpretes e professores surdos, estabelecendo vínculos de amizade e ampliando meu aprendizado.

Desde os primeiros dias de aula, vivenciei momentos marcantes, como o trote de caloura, que simbolizou minha integração ao ambiente universitário. O curso de Letras-Libras tornou-se decisivo em minha vida. Embora tenha enfrentado dificuldades iniciais, especialmente na compreensão das disciplinas, gradualmente consegui superar esses desafios com o apoio de professores e intérpretes. Esse processo de adaptação foi fundamental para meu desenvolvimento acadêmico.

O contato constante com colegas surdos possibilitou a aprendizagem de diferentes sinais e ampliou meu repertório linguístico. Essa experiência contribuiu para meu crescimento pessoal e fortaleceu minha identidade surda. Reconheci, nesse percurso, que sou capaz de transitar entre a Língua Portuguesa e a Libras, o que enriquece minha formação e amplia minhas possibilidades de atuação.

A universidade, portanto, representou uma transformação profunda em minha vida. Considero essa formação essencial para meu futuro, pois almejo atuar como professora surda, dedicada ao ensino de crianças surdas. Pretendo desenvolver atividades pedagógicas adaptadas e utilizar histórias em Libras, e favorecer a compreensão e o aprendizado dos estudantes.

Assim, o curso de Letras-Libras não apenas consolidou minha identidade surda, mas também reafirmou meu compromisso com a educação inclusiva e bilíngue, voltada para a valorização da cultura e da língua de sinais.

REFERÊNCIAS

PERLIN, Gladis Teresinha Tascheto. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2004.